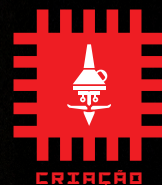


# MUSIC- -HALL

Texto de Jean-Luc Lagarce

Encenação de Rogério de Carvalho



TEATRO MUNICIPAL  
**JOAQUIM  
BENITE**

Fotografia: Rui Carlos Mateus

# Abraça-me de vez em quando

“*Music-Hall*. 1988. Como todas as noites, nesta cidade, como em todas as outras cidades, a *Rapariga* vai representar a sua pequena história. Vai contar o dia penoso que está a terminar, uma narrativa de humilhações e falhanços diversos”. Foi assim que Jean-Luc Lagarce resumiu a peça que escreveu. Em cena, deparamo-nos com a *Rapariga* – cantora de *music-hall* em decadência – acompanhada pelos seus dois *Boys*, que nos revela as suas desventuras cénicas, de terra em terra.

As frases ditas em cena, quase sempre no pretérito imperfeito, ampliam o seu próprio som até ficarem suspensas, rejeitando qualquer suposta eloquência, ou grandiosidade. Uma viagem ao passado, feita de avanços e recuos desencantados, a um tempo divertida e patética, numa procura vã de sucesso e reconhecimento.

Foram as muitas digressões que Lagarce fez, pelas províncias de França – com a sua companhia itinerante, a *La Roulotte* – longe dos grandes palcos e em condições muitas vezes precárias, que o levaram à escrita deste texto. No seu diário, revelou ainda que também se inspirou numa noite em que viu actuar Ringo Willy Cat, um cantor popular dos anos 70, que cantava os seus antigos sucessos num bar em Besançon. Foi aí que se inspirou então para criar os dois *Boys*, que trauteiam o refrão de um velho êxito de Josephine Baker, conferindo à sua peça um matiz nostálgico: “Não digas que me adoras / Abraça-me de vez em quando”.

Quando Jean-Luc Lagarce morreu, em 1995, *Music-Hall* estava longe de ser o fenómeno em que se tornou. Actualmente é uma das peças francesas contemporâneas mais representadas em todo o Mundo. O tempo actual encontrou desta forma, no ‘tempo sem tempo’ do teatro de Lagarce, uma almofada de plumas em que se recostar.



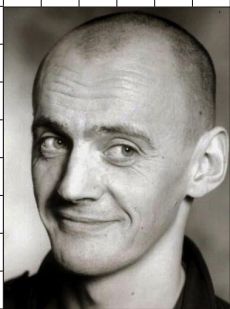
Teresa Gafeira



João Farraia



Pedro Walter



**Jean-Luc Lagarce** (1957-1995) nasceu em Montbéliard, perto de Besançon. Os seus pais eram operários da fábrica local da Peugeot. O dramaturgo cresceu num contexto de prosperidade económica, mas marcadamente conservador. Estuda Filosofia e Arte Dramática. Conclui o curso universitário com a tese *Teatro e poder no Ocidente*, publicada posteriormente. Em 1977 funda a companhia de teatro itinerante *La Roulotte*. Será a aventura de uma vida. Encena Beckett, Ionesco, Genet, Kafka, Molière, entre outros. Muitos destes autores influenciá-lo-ão na sua própria escrita, da qual se destacam títulos como *Estava em casa e esperava que a chuva viesse* (1990) ou *Tão-só o fim do Mundo* (1994). Morre, prematuramente, em 1995.



**Rogério de Carvalho** (n. 1936) foi distinguido em 1980 com o Prémio da Crítica para melhor encenação, pelo espectáculo *Tio Vânia*, de Tchecov; e em 2001 com o Prémio Almada, pelo Ministério da Cultura. Este antigo professor de liceu e pedagogo teatral tem dirigido ao longo da sua longa carreira espectáculos nos principais palcos portugueses. Iniciou a colaboração com a CTA em 1986 (com *A menina Júlia*, de Strindberg), tendo desde aí assinado a encenação de espectáculos como *Fedra*, de Racine, *O pelicano*, de Strindberg, *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett, *Se isto é um homem*, de Primo Levi, *Hipólito*, de Eurípides, ou *O medo devora a alma*, de Rainer Werner Fassbinder. É a segunda vez que dirige *Music-Hall*.

**Texto** Jean-Luc Lagarce **Encenação** Rogério de Carvalho **Tradução** Alexandra Moreira da Silva **Cenografia** José Manuel Castanheira  
**Figurinos** Bárbara Felicidade **Desenho de luz** Guilherme Frazão **Interpretação** João Farraia • Pedro Walter • Teresa Gafeira

# Deveríamos nós...

Jean-Luc Lagarce viveu pouco, mas escreveu muito. Peças, ensaios, diários. Milhares de páginas. Uma torrente com a força de quem tem a urgência de devorar o mundo com palavras. Muitos textos falam obviamente dessa aventura inquietante que é a criação artística. Em 1994 escreveu o seguinte para o programa da sua companhia itinerante, o Théâtre de La Roulotte: “Deveríamos nós alguma vez voltar aonde já vivemos, onde já estivemos antes, às nossas antigas margens, lugar da nossa juventude e da nossa aprendizagem, belo segredo das nossas hesitações, a esses lugares onde achamos sempre que fomos felizes, deveríamos lá voltar, sabendo que não podemos, cobardemente, ignorar que já talvez nos estejamos a enganar?”

Deveríamos nós alguma vez voltar a fazer os nossos passos, regressar às origens, àquilo que nos formou, nos construiu, às nossas escolas antigas e inquestionáveis, voltar a

ver os lugares e as praças, voltar a andar de novo ao longo do rio, com o imenso risco de nos perdermos e de nos enganarmos, de nada reconhecer, de nada ver que não nos desiluda?

E escaparmo-nos sempre para esta doce nostalgia, as nossas penas, o amor e a ternura que temos pelo nosso passado, o passado que com tanta paciência construímos, tão perfeito e conforme os nossos desejos, não podemos ignorar a força das nossas mentiras, o comprazimento com que o fazemos e nos tranquiliza.

O querer amar aquilo que já amámos, o querer contar ainda a terna história que tantas vezes já contámos e embelezámos, e que tantas vezes modificámos ligeiramente, com infinda precisão, até nos aproximarmos da nossa falsa realidade, podemos deixar-nos ir até à ausência do perigo, à recusa da dor, ao compromisso”.

# Um estado de espírito

O termo ‘music-hall’ é cunhado em França no início da década de sessenta do século XIX, sendo herdeiro do café-concerto, um tipo de espectáculo surgido um tanto *ad hoc*, ao sabor de actores que declamavam, atracções variadas, números de ilusionismo, músicos, malabaristas e imitadores. Nos primeiros tempos o *music-hall* coexiste — e mistura-se, até — com o teatro de revista e de variedades. Mas rapidamente se autonomiza enquanto género específico e com códigos próprios, à medida que o desenvolvimento económico do final do século — com o surgimento de uma burguesia endinheirada e ávida de ‘sonho e fantasia’ — faz com que se construam em Paris salas de espectáculos verdadeiramente luxuosas. É o tempo do Folies Bergère, do Moulin Rouge, do Bataclan e do Olympia. Em termos dramáticos, a música e a arte de bem dizer ganham relevo, e a encenação procura dar coerência ao encadeamento dos números. Sucede-se o surgimento de verdadeiras vedetas

do *music-hall*, como Yvette Guilbert, Maurice Chevalier, Juliette Gréco ou Zizi Jeanmaire.

Paralelamente, vai-se afirmando a figura da vedeta de variedades, que ‘carrega o espectáculo aos ombros’, do princípio ao fim, cantando e dançando rodeada de *boys* e de *girls*. O corpo de baile serve para ‘aquecer’ o ambiente, mas jamais poderá ofuscar o protagonismo da ‘primeira figura’. Estes espectáculos são servidos por cenografias feéricas, nas quais abundam fontes, escadarias e figurinos feitos de plumas e lantejoulas.

Josephine Baker era uma dessas vedetas. E foi justamente esta artista americana quem esteve na origem remota da peça *Music-hall*, de Jean-Luc Lagarce. Um dos temas que Baker cantava é o *leitmotiv* do texto agora levado à cena, constituindo-se como a nostálgica textura sonora de uma decadente trupe de província que se agarra à palavra para não sair de cena — nem da vida.

**De 14 de Abril a 14 de Maio**

Quinta a sábado às 21h • Quarta e domingo às 16h

Sala Experimental • M/12

**6.50€**

Preço especial  
para grupos

Informações e reservas: Carina Verdasca, Marco Trindade e Pedro Walter: 96 496 00 05 • [publico@ctalmada.pt](mailto:publico@ctalmada.pt)

Teatro Municipal Joaquim Benite: Av. Prof. Egas Moniz - Almada • Telf.: 21 273 93 60 • [www.ctalmada.pt](http://www.ctalmada.pt) • [geral@ctalmada.pt](mailto:geral@ctalmada.pt)

*E as luzes, brutalmente, ao som da minha voz... ‘Como que ao som da minha voz’. E as luzes apagavam-se. E isto começava, e eu, a Rapariga, esquecia tudo, que mal é que isso faz? Esquecia tudo e lá ia eu, falava-lhes, e o resto, o gravador, a ausência de gravador, o ‘com corrente’ ou o ‘a pilhas’, tudo isto, no fundo da minha alma... Bem, da minha alma não... No fundo de mim mesma, no meu foro íntimo (é assim que se diz?), na minha fortaleza interior, não pensava mais nisso. E sorria.*

EXCERTO DE "MUSIC-HALL", DE JEAN-LUC LAGARCE, TRADUÇÃO DE ALEXANDRA MOREIRA DA SILVA